

IDEOLOGIAS QUE MARCAM: DO AMOR AO FUNDAMENTALISMO

Diana Paulozky

Graduada em Psicologia - Universidad Nacional de Córdoba
Especialista em Psicologia Clínica - Universidad Nacional de Córdoba
Professora de Psicologia - Universidad Nacional de Córdoba
Psicanalista, AME da Escola de Orientação Lacaniana
Docente da Escuela de Orientación Lacaniana
Docente do CIEC - Instituto do Campo Freudiano
Assessora do CEA - Centro de Estudos Avançados da Universidad Nacional de Córdoba
dianapau@ciudad.com.ar

Resumo

A autora serve-se da novela de Llosa (*Travessuras da menina má*) e do filme palestino de Abu-Assad ("O paraíso agora") para mostrar que, se certos tipos de laços são normais porque são próprios de uma época, isso não é sinônimo de isenção do sujeito em relação ao peso da responsabilidade pela escolha de um tipo de laço em detrimento de outro. Para Freud, o mais universal é o fato de que no laço social sempre está implicado um tipo particular de escolha de objeto. Se o mais universal é que se trata sempre do particular relativo ao gozo, então não se pode apagar a responsabilidade que cada sujeito tem sobre seu gozo.

Palavras-chave: psicanálise, laço social, gozo, sujeito.

REMARKABLE IDEOLOGIES: FROM LOVE TO FUNDAMENTALISM

Abstract

The author makes use of Vargas Llosa's novel - *Travessuras de la niña mala* - and also of Abu-Assad's palestinian movie - "Paradise now" - to show that if certain bonds are normal for belonging to a specific time, it is not the same as the exemption of the subject in relation to the weight of the responsibility for choosing one tie over another. To Freud, the most universal is the fact that in the social bond is always implicated a particular type of object choice. If the most universal is always about a particular related to joy then one may not erase the responsibility that each subject has over their own joy.

Keywords: psychoanalysis, social bond, joy, subject.

O traço de cada um

Na última novela de Vargas Llosa (2006), *Travessuras da menina má*, nos encontramos com as voltas de um amor não convencional. Trata-se de uma relação atormentada que durou quarenta anos.

O protagonista, o bom da história, se enamora incondicionalmente dessa mulher egoísta, calculadora e ambiciosa que o amarra a seu destino para sempre. É através dela, a menina má, uma mulher cativante cuja ânsia de poder a leva a metamorfosear-se em personagens que a ocasião requer, que o autor vai desdobrando no ambiente sócio-político de um mundo não menos convulsionado.

É através dele, o menino bom, que nos introduzimos em um sentimento profundo, em sua dor, em sua angústia e a intensidade de um amor que se converte em obsessão. As paixões políticas vão se estreitando com as pessoais. Ela representa a encarnação da ambição e o poder sem limites.

Enquanto que o protagonista está do lado do amor, dos ideais que orientam sua busca, do lado dela, a má, encontramos os traços de perversão, o cinismo e o ressentimento enraizado em um Peru que a deixou fora.

É a partir dali, a partir do seu lugar marginal, que ela tentará levar adiante um frio e calculado plano que se servirá dele para jogar fora o que não suporta de si mesma.

Poderíamos expor esses personagens tão claramente definidos, como o bom e a má, o normal e o patológico. Poderíamos expô-lo, digo, mas hoje já não nos serve. O que é normal? O que é patológico?

Mesmo Freud partiu da doença para entender os sintomas do que ele catalogava de normal e se surpreendeu de constatar que a linha divisória não era tão clara. É verdade que mudaram as referências, que hoje surgem novos modos de laços com o outro; e as relações amorosas apresentam outras figuras que a teoria freudiana não conseguiu decifrar.

O que não muda e então nos orienta na clínica, é que se trata de situar o gozo em cada caso particular. É esse o grande aporte de Lacan que diferencia sua prática de qualquer outra abordagem.

Que um sintoma seja próprio de uma época, que seja generalizado, não nos diz nada a respeito do consentimento do sujeito a identificar-se com ele.

Já Hanna Arendt (1998) nos advertiu sobre como a generalização de certas teorizações, apagam a responsabilidade que cada sujeito tem sobre seu gozo, o que implica em uma maneira de banalizá-lo. Afirmar que certos tipos de laços são normais porque são próprios de uma época é tirar-lhe o peso que cada acontecimento tem.

E mesmo Freud (1910, 1914) expunha que o que é universal, é que se trata de um tipo particular de escolha de objeto, ou seja, o que é universal é que se trata do particular. Inclusive retomo duas perguntas freudianas que ressoam através do tempo: O quê do gozo masturbatório? E por que caprichos da pulsão nós escolhemos a quem escolhemos como parceiros?

A pergunta sobre o gozo de cada um, cobra mais sentido hoje e nos localiza nas diversas formas que a sintomatologia vai tomando. Os sintomas da época, a enunciação de seu mal-estar, são somente o marco sobre o que se trabalha o particular e como bem sabemos, o marco não é o quadro.

As perguntas freudianas ressoam ainda hoje. O que representam estes personagens, a não ser as diferentes posições frente ao amor? Inclusive o autor

troca os papéis: é o homem o que se entrega apaixonado, enquanto que a mulher segue o frio cálculo de uma razão desprovida de sentimento.

Não se trata do casal homem-mulher, senão do binário: desejo-gozo. Embora o personagem masculino da novela esteja na posição de sujeito desejante; embora a menina má desfrute o jogo de fazer-se desejar, não é na dimensão do desejo que ela joga sua parte. Não se trata da insatisfação, paradigma da histeria, mas do gozo. Ela consente em ser objeto, instrumento do gozo de qualquer parceiro que lhe dê o poder que se dispôs alcançar.

Digo que a dupla já não é normal-patológico, nem feminino-masculino. O que nos orienta na clínica é a pergunta pelo gozo de cada um cuja resposta vai mais além das épocas.

O fundamentalismo como resposta ao vazio

Sem dúvida Hobbes hoje está presente, não só por sua frase: "O homem é o lobo do homem", senão pelo seu conceito de autoridade, que é o único poder que dá lugar à tomada de decisões. "A autoridade não é a verdade, senão a que faz a lei", dizia.

Autoridade é um termo paradoxal que designa tanto o que proíbe como o que permite, mas, em ambos os casos, é a que impõe obediência e respeito.

Como bem sabemos, é a ideologia o que estrutura a realidade social. Se o conceito de autoridade se debilita, se o pai não exerce sua função, se, perdem-se os ideais que orientam, fica um vazio que pode ser habitado por qualquer excesso: o fundamentalismo.

É o que mostra o filme palestino: "O paraíso agora" de Abu-Assad, que tem a particularidade de estar baseado a partir do ponto de vista dos homens-bomba.

No que Hobbes (1651) chamou estado de natureza, o natural é que o homem queira matar seu congêneres. Para colocar ordem, instaurar a lei, cria-se o estado civil.

O curioso da exposição de Hobbes é que o medo, inclusive o terror que o estado da natureza provoca, faz com que os homens se reúnam e é nesse momento que surge a criação de um deus, ou bem um deles é erigido ao lugar de um deus. Como não evocar aqui ao "Querem um mestre, o terão", de Lacan (1969-70)?

O terror do homem pelo homem, o medo da morte, leva a criação de um deus, mas isto não impede a morte, pelo contrário. No filme "O paraíso agora" a premissa é: é melhor a morte à humilhação: "Se não podemos viver como iguais, devemos igualarmo-nos na morte"; "Eles (os israelitas) temem a morte. Como vocês. Não a temem, têm o controle da vida".

Isso diz o ideólogo, que se vale em seu discurso do desprezo pela vida, para transformá-lo em um elemento de poder. "Queimamos o cinema porque é um gênero tão aborrecido como a vida" ... será a clara consequência de uma ideologia que comanda suas vidas.

O dogmatismo, a rigidez, o excesso vem no lugar do vazio.

Além da exposição ética, este filme que trabalha tão bem o tema do olhar, provoca o nosso.

Provoca no sentido de que nos mostra que o cenário que fica livre pela falta de ideais, é completado pelo imperativo, nada mais.

"Nossos corpos é tudo que nos resta" diz um dos protagonistas antes de se converter em objeto mortífero.

"Tudo se troca, exceto Deus" e se coloca em Deus numa onipotência tal que obedecer a seus mandatos, recebe um estatuto de honra. Responder ao imperativo, coloca o homem-bomba na posição de mártir de Deus.

"Você pode mudar as coisas", recomenda um deles. (como Deus?)

O ser objeto, instrumento de gozo, eleva-o ao estatuto de divindade.

O diretor não só nos mostra a realidade atual através dos diferentes pontos de vista dos personagens, como consegue fechar a ideologia do coletivo às razões particulares. Não só opõe ao mártir e ao colaboracionista o mais elevado com o mais baixo, como revela como o homem-bomba que realiza o ato suicida, o faz como ato reivindicatório de um pai estigmatizado como colaborador.

É em relação ao pai, é nessa tensão de sem pai, que o ato suicida cobra sentido. "Prefiro o paraíso em minha mente, que este inferno", diz o personagem.

No final inteligente de um silêncio que antecipa o estrondo, o suicida nos interpela com seu olhar.

Elegi dois produtos culturais de nossa atualidade imediata, só para enfatizar os cenários em que se move o psicanalista de hoje: o da particularidade do gozo, um por um, e o da época a que faz parte e que pede para ser interpretada.

Digo que, se faz parte, tem ao menos que estar advertido da responsabilidade que lhe toca em cada caso, identificado, se faz como seus os princípios da causa laciana.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, H. (1998) **Los orígenes del totalitarismo**. Madrid: Taurus Ed., ISBN: 9788430602889. traduzido para o português: ARENDDT, H. (1989) **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras.

CANGUILHEM, G. (1943) **Le normal et le pathologique**. Paris: PUF, 2005.

Traduzido para o português: CANGUILHEM, G. (1943) **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FREUD, S. **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1910) Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I). Vol. XI.

_____. (1912) Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor I). Vol. XI.

_____. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. Vol. XIV.

_____. (1918 [1917]) O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III). Vol. XI.

_____. (1919) O estranho. Vol. XVII.

HOBBS, T. (1651) **Leviatán o La materia, forma y poder de un estado eclesiástico y civil**. Buenos Aires: Ed. Alianza, ISBN: 9788420679563, Febrero 2001. Traduzido para o português: HOBBS, T. (1651) **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. São Paulo: Nova Cultura. Os Pensadores. 4 ed., 1998.

LACAN, J. (1969-70) **Seminário 17: El reverso del psicoanálisis**. Buenos Aires: Paidós, ISBN: 950-12-3987-X, febrero 1992.

LLOSA, M.V. (2006) **Travesuras de la niña mala**. Madrid: Alfaguara, ISBN: 9788420469959. Traduzido para o português: LLOSA, M.V. (2006) **Travessuras da menina má**. Rio de Janeiro: Objetiva/Alfaguara, ISBN 8573028084.

Texto recebido em: 01/09/2007.

Aprovado em: 14/12/2007.